



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA

**KELLY LAMEIRA DE ARAÚJO**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO  
APRENDIZADO DOS ALUNOS**

Castanhal - Pará  
2018

KELLY LAMEIRA DE ARAÚJO

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO  
APRENDIZADO DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Ms. Luiz Carlos de Carvalho Dias

Castanhal - Pará

2018  
KELLY LAMEIRA DE ARAÚJO

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DO  
APRENDIZADO DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, orientado pelo Profº. Luiz Carlos de Carvalho Dias.

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_/

CONCEITO: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Profº. Ms. Luiz Carlos de Carvalho Dias - Orientador

\_\_\_\_\_  
Profº. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos - Co-Orientador e Membro Interno

\_\_\_\_\_  
Profº. Dr. Madison Rocha Ribeiro - Co-Orientador e Membro Interno

\_\_\_\_\_  
Profª. Marcia da Silva Carvalho - Co-Orientadora e Membro Externo

## AGRADECIMENTOS

Em especial a DEUS, meu Criador, pois ele tem sido fiel em todos os dias da minha vida. E por permitir o encaminhamento deste sonho quase realizado.

Posso dizer que este trabalho não teria sido possível sem a colaboração e participação de pessoas importantes, que direta ou indiretamente contribuíram para a sua concretização.

Primeiramente, ao meu orientador, o Professor Ms. Luiz Carlos Dias, o meu enorme obrigado, pela orientação científica, apoio, disponibilidade, sábios conselhos, e essencialmente uma evolução desde o início de meu trabalho.

Quero expressar um muito obrigado a todos os professores que me acompanharam nesta jornada do Curso de Pedagogia da UFPA.

A Secretaria da Universidade Federal do Pará, pelo apoio e encaminhamento em todas as questões que norteiam a parte formal e acadêmica de nosso curso.

Ao Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos, diretor da faculdade de pedagogia da UFPA, um facilitador da aprendizagem e verdadeiro apoio aos alunos.

Ao professor Dr. Madison Rocha Ribeiro, por me compreender e aceitar fazer leitura de meu trabalho, e me ajudar a crescer no conhecimento com suas orientações pertinente no momento de conclusão desta produção.

A professora Dra. Marcia da Silva Carvalho pela disponibilidade em ler a produção.

À minha amiga Rejane Maria Araújo da Silva, pelo seu apoio, companheirismo e uma grande troca de ideias e saberes, agradeço à sincera e honesta amizade, o apoio nas horas mais difíceis, os ótimos diálogos, brincadeiras, alegrias nas horas de apresentações.

A meus pais Hosana Nunes Lameira e Berlindo Brandão de Araújo, que me apoiam e que se demonstraram um olhar de dedicação incondicional para com meus sonhos e busca de realizações, agradeço a confiança e o apoio nesta tão importante etapa do estudo.

A Gilcélia Nascimento da Costa, pela estrita relação de carinho, afeto e compreensão.

A minha irmã Kathee Lameira de Araújo, sempre presente nos momentos bons, mas também nos difíceis me apoiando nas horas de minhas apreensões. Obrigado por tudo mana.

Aos meus amigos de curso Gelcimar Leite Fernandes e trabalho e Maria Madalena de Moura Silva, pela exemplar forma de encorajamento, e compreensão.

Deixei para o fim, aqueles que não estando presentes neste momento, tiveram um contributo igual nas minhas conquistas. A todos, um muito obrigado por serem quem são, e por terem entrado na minha vida com a permissão de DEUS.

À afetividade se refere à capacidade do indivíduo de ser afetado pelo mundo interno e externo, seja por sensações agradáveis ou desagradáveis.

(Wallon, 2007)

## RESUMO

Destaca-se como tema “A importância da afetividade no desenvolvimento do aprendizado dos alunos”, por entender a necessidade do estudo, pois a afetividade foi e continua sendo apontada como fundamental no processo ensino-aprendizagem. A pesquisa discute teoricamente a afetividade e a sua relação com a educação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que busca através das concepções de Henry Wallon e outros autores, que dedicaram grande parte de sua vida no estudo da afetividade, destacar a importância do afeto nas relações interpessoais em salas de aula. Teve como objetivo responder a seguinte questão problema: Como a afetividade pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, onde as relações interpessoais em salas de aula não estão presentes? Neste sentido o estudo objetivou compreender o conceito e a influência da afetividade na relação docente, no campo educacional, no processo ensino e aprendizagem através de uma revisão bibliográfica. Para isso, a metodologia baseia-se na contextualização do referencial bibliográfico constante em livros, revistas científicas, artigos, sites, entre outros, buscando as contribuições da história cultural, referencial que permite um novo modo de olhar a relação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem. Como resultados alcançados, constata-se nos estudos que a valorização da afetividade e da sensibilidade humana conscientiza as pessoas de que elas não estão separadas umas das outras, mas unidas, partilhando um saber que também não se imagina separado, mas irmanado na constituição de uma consciência afetiva, amorosa e ampliada. Podendo inclusive promover uma proposta transdisciplinar nos contextos de formação de professores no sentido de tornar a experiência no mundo mais cooperativa, amorosa e solidariamente compreendida, além de trazer relevantes conhecimentos sobre a afetividade com ricas contribuições para a compreensão do processo ensino-aprendizagem, visto que, proporciona subsídios para compreender o aluno, o professor e a interação entre eles. Assim, conclui-se que, a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno se constitui elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Por isso, a qualidade da interação pedagógica deve ser buscada com muita primazia, pois é ela que vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas em sala de aula. Embora se saiba que não se pode responsabilizar o professor afetivo pelo pleno êxito do processo ensino aprendizagem, pois os reflexos externos influenciam consideravelmente essa relação que as vezes se sobrepõe ao ensino.

**Palavras-Chave:** Educação. Afetividade. Relação Professor-Aluno. Aprendizado. Sala de Aula.

## **ABSTRACT**

It is highlighted as a theme "The importance of affectivity in the development of student learning", because it understands the need of the study, because affectivity was and continues being pointed as fundamental in the teaching-learning process. The research theoretically discusses affectivity and its relation to education. It is a bibliographical research that searches through the conceptions of Henry Wallon and other authors, who devoted much of their lives to the study of affectivity, to highlight the importance of affection in interpersonal relationships in classrooms. It aimed to answer the following problem question: How can affectivity contribute to the process of teaching and learning, where interpersonal relationships in classrooms are not present? In this sense, the study aimed to understand the concept and influence of affectivity in the teaching relationship, in the educational field, in the teaching and learning process through a bibliographical review. For this, the methodology is based on the contextualization of the bibliographical referent in books, scientific journals, articles, websites, among others, searching for the contributions of cultural history, which allows a new way of looking at the relationship between teacher and student in the process teaching and learning. As results achieved, studies show that valuing affectivity and human sensitivity makes people aware that they are not separated from each other, but united, sharing a knowledge that also does not imagine separated, but united in the constitution of a affective and enlarged consciousness. It may even promote a transdisciplinary proposal in the contexts of teacher training in order to make the experience in the world more cooperative, loving and solidarily understood, besides bringing relevant knowledge about affectivity with rich contributions to the understanding of the teaching-learning process, since , provides insights to understand the student, the teacher and the interaction between them. Thus, it is concluded that the affectivity manifested in the teacher-student relationship constitutes an inseparable element of the process of knowledge construction. Therefore, the quality of pedagogical interaction must be sought with great primacy, since it is the one that will impart an affective sense to the object of knowledge, from the experiences lived in the classroom. Although it is known that the affective teacher can not be held responsible for the full success of the teaching-learning process, because external influences considerably influence the relationship that sometimes overlaps with teaching.

**Keywords:** Education. Affectivity. Teacher-Student Relationship. Learning. Classroom.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2 AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO .....</b>	<b>12</b>
2.1 CONCEPÇÕES DE AFETIVIDADE .....	12
2.2 O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM E A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE.....	23
<b>3 FORMAÇÃO DE PROFESSOR E A AFETIVIDADE .....</b>	<b>27</b>
3.1 A IMPORTÂNCIA DE SE PAUTAR A DIMENSÃO HUMANA NOS PPPs DAS ESCOLAS .....	36
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar é um espaço por si só, propiciador de atividades e situações em que questões relacionadas à afetividade, afloram, posto que essas são manifestações humanas. Tendo em vista a natureza da pesquisa, o objetivo está voltado para o desvendar da afetividade presente nas relações vivenciadas na sala de aula como condição indispensável e importante no processo de ensino, uma vez que essa afetividade é muito ausente no cotidiano escolar.

Em face dessa constante ausência, apresenta-se esta pesquisa com o tema a “A importância da afetividade no desenvolvimento do aprendizado dos alunos”, onde objetiva-se: Compreender o conceito e a influência da afetividade na relação docente, no processo ensino e aprendizagem através de uma revisão bibliográfica.

Como objetivos específicos: entender a relação afetiva estabelecida entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem; refletir os benefícios dessa relação em sala de aula; analisar a importância da afetividade docente para o desenvolvimento do indivíduo, o educando.

Nesse sentido, apresenta-se como problemática central para esse estudo a seguinte questão: Como a afetividade pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, onde as relações interpessoais em salas de aula não são tão presentes?

Partindo desse pressuposto, este estudo é relevante pelo fato de o tema da afetividade, ser pouco praticado e abordado nos contextos escolares, uma vez que se constituiu uma pesquisa científica que aborda contextos sobre a relação da afetividade com os alunos, o que pode contribuir para fortalecer ações pedagógicas do processo ensino aprendizagem, propiciando uma ambiência que integra teoria à prática pedagógica em sala de aula de forma amorosa, humana e saudável.

Também tem sua relevância para a academia no sentido de contribuir para com pesquisas futuras por se considerar que o trabalho tem um significativo contexto para a relação contemporânea, sem necessariamente atribuir responsabilidade total do ensinar ao professor afetivo. Bem como para a minha formação, uma vez que a aprendizagem, possui extrema influência do meio, posto que boa parte dos conhecimentos e habilidades por mim adquiridas, são resultados da assimilação das experiências acumuladas no processo social, durante o curso de Pedagogia.

O resultado deste pode alcançar o campo social, uma vez que a divulgação do trabalho ajudará outras pessoas a interessarem-se pelo mesmo. Me ajudará também no campo

emocional, uma vez que como acadêmica, há momentos que me indago, será que estou realmente chegando ao final deste sonho. Me sensibilizo, pois não é fácil estudar, trabalhar, ser profissional, mas o SENHOR não tem me faltado em me fazer ter confiança para atingir este objetivo.

No campo político, porque a pesquisa é antes de tudo uma ação da pedagogia e, dessa forma, está inserida em uma perspectiva de educação entendida como prática social, crítica e transformadora.

A pesquisa se justifica, pois, se pretendeu mostrar que a presença do comportamento afetivo em sala de aula pode melhorar as relações interpessoais e em consequência o processo ensino aprendizagem.

A metodologia da pesquisa foi bibliográfica “elaborada a partir de material publicado, como: publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet”. (GIL, 1999, p.124)

O levantamento das informações, a análise e a interpretação dos dados pesquisados se deram através da investigação qualitativa descritiva, onde os dados foram analisados. Lüdke e André (2004, p.12) destacam que na pesquisa qualitativa, o processo, as perspectivas observadas são mais importante do que o produto, considerando os diferentes pontos de vista, o que permite o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo.

A análise e interpretação dos dados se deram através da investigação qualitativa descritiva, onde (...) os dados são recolhidos em forma de palavras ou imagens e não números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. (...) tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, a forma em que estes foram registados ou transcritos. (BOGDAN & BIKLEN, 2010, p. 48)

As arguições constam de diferentes contextos de pesquisa, vão de Google Acadêmico a Plataformas Científicas. Foram utilizados textos de conferência, artigo, artigos de livros e revistas impressas e eletrônicas de autores já estudados no curso de Pedagogia, em formações, cursos, palestras e outros materiais que abordam o tema.

Nesses trabalhos, busca-se compreender a importância da afetividade no desenvolvimento do aprendizado na Educação, analisar como a afetividade vem sendo apontada como relevante ao desenvolvimento do processo ensino aprendizagem da criança, assim como na aquisição e construção do seu conhecimento.

Após a coleta de materiais bibliográficos, se efetivou a construção da pesquisa denominada como bibliográfica e documental, que foi o caminho metodológico percorrido no estudo, ou seja, o que deu suporte para produzir um breve quadro de referencial teórico.

Ao falar de pesquisa bibliográfica, ela é definida como Gil (1999, p. 124) afirma; “é quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet”. Nesse sentido, ela abrange também as publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, pesquisa, monografias, teses, material cartográfico, até meios de comunicação.

A pesquisa documental e pesquisa bibliográfica são definidas por alguns autores como sinônimas, sendo que ambas têm o documento como objeto de investigação. De acordo com Gil (2002, p.62-63), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, segundo o autor, e o que as diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa.

A diferença estaria na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica tem a contribuição de diferentes autores sobre o tema, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento científico, ou seja, as fontes primárias.

A Pesquisa Bibliográfica é considerada como a busca de informações através da consulta de documentos de diversas mídias, documentos esses de domínio científico, para comprovar determinada proposição por parte do autor, por vezes também chamada de revisão bibliográfica. Dentro desse contexto a Pesquisa Documental se diferencia, mais especificamente, por utilizar como material de consulta documentos que não sofreram nenhum tratamento científico. Estas duas metodologias, apesar das divergências de alguns autores, podem ser utilizadas em conjunto. A busca em documentos de origem conhecida deve ser utilizada e valorizada, constituindo a maior fonte de pesquisa disponível atualmente.

Apresenta-se a introdução do trabalho a partir de todos os aspectos que direcionam a pesquisa acadêmica e o trabalho esta estruturado da seguinte maneira na seguinte sequencia:

Na primeira Sessão reflete-se sobre “**A importância da afetividade no desenvolvimento do aprendizado na Educação Infantil**”, onde se trabalhou a “Afetividade e Educação”, abordando o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem e a influência da afetividade, bem como o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem. O estudo baseou-se fundamentalmente em uma pesquisa bibliográfica com os textos abaixo indicados:

O primeiro texto: “A concepção walloniana de afetividade: uma análise a partir das teorias das emoções e do desenvolvimento” (1999). O segundo “As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico” (2011).

A segunda Sessão, denominada “**Formação de Professores e Afetividade**”, em que se procura compreender como a afetividade se configura na formação de professores e como essa dimensão influencia na relação ensino e aprendizagem. (2015)

Na terceira Sessão, se discorre sobre “**Os PPP’s das escolas norteiam a dimensão humana**”. Em que medida os **PPP’s** e sua reorganização a partir de ações curriculares abordam as dimensões cognitivas e afetivas, e como estas se enredam? Onde a elaboração do Projeto Político Pedagógico - PPP’s, direciona para as escolas suas especificidades – socioculturais, geográficas e históricas, incidências étnicas, estéticas naturais e visuais, econômicas, políticas?

Por fim, a conclusão onde se apresenta a nossa visão em relação ao averiguado sobre a importância da afetividade no desenvolvimento do aprendizado dos alunos.

## 2 AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO

Nesta sessão é apresentada uma explanação e discussão sobre o pensamento de Henry Wallon, que é um norte para o entendimento da afetividade como ferramenta conceitual capaz de fazer compreender a relação entre afetividade e educação. No decorrer dessa revisão teórica, são abordados os conceitos formulados por ele e o quanto esses conceitos servem de base para uma educação mais progressista e humanizada.

Busca-se assim estabelecer diálogos com outros autores, como Santos e Rubio (2012), Almeida (2008), Dessen e Polônia (2005), cujos artigos são proposições construídas em torno da pesquisa sobre a relação da afetividade com a família e a escola. Também são traçadas linhas de tangência com Fiorin (2007), Alvarenga (2005), Vieira e Lopes (2010).

Essas últimas autoras tecem considerações sobre afetividade em sua monografia, chamada '*A afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil*', cuja pesquisa, entre outros aportes teóricos, aparecerá adiante para dar bases ao conceito operacional formulado por Wallon (2006). Esse autor enfatiza que a afetividade está relacionada com os sentimentos que podem ser vividos nas interações com o outro, pois através dos elementos das interações simbólicas têm-se as manifestações desses sentimentos a partir das representações sociais que a criança vivencia.

### 2.1 CONCEPÇÕES SOBRE AFETIVIDADE

Crê-se, assim, que não existe um conceito fechado sobre a *afetividade*, uma vez que é um tema muito subjetivo, que contém interpretações e pontos de vista diferenciados, a que os autores com quem se dialoga abordam a questão afetiva de maneira singular, ou seja, cada um tem a sua forma de pensar sobre o afeto. Isso faz da perspectiva deles contribuições singulares, que possibilitam importantes reflexões acerca do assunto.

Busca-se, dessa maneira, mostrar a visão deles, que é um pensamento crítico e reflexivo, bem como aquilo que pensam sobre esse tema. Desse modo não há a pretensão de afirmar a afetividade como um conceito único, mas como um fenômeno e objeto conceitual sobre o qual existem compreensões e indagações, cuja intenção é gerar mudanças significativas para quem está no campo educacional.

Por meio dos trabalhos dos autores que se debruçaram sobre a problemática da afetividade e com cujos trabalhos dialogam, torna-se possível compreender as variadas visões que formulam, resultando em assertivas esclarecedoras a esse respeito. Cada autor pesquisado

inclina-se para diferentes direções, com compreensões biológicas, genéticas, hereditárias ou psicológicas, abordando conceitos, como personalidade e temperamento, relativizando assim o tema afetividade e o tornando um campo aberto para investigações.

São entrelaçadas, então, junto com a teoria, algumas concepções sobre o conceito de afetividade, com a intenção de construir uma visão diferenciada e crítica, valorizando os olhares dos autores sobre a relação entre afetividade e educação.

Para um melhor entendimento de quem se fala na pesquisa, Henry Wallon nasceu na França, no ano de 1879, graduou-se em Psicologia, Filosofia e Medicina. Também se dedicou a conhecer os caminhos da inteligência da criança. Durante quatro anos foi professor da Universidade Sorbonne (Paris/França) e fundou um Centro de Psicologia Biológica da Criança. Além disso, coordenou um projeto de reforma de ensino.

No decorrer de sua obra epistemológica descreve a afetividade como um elemento importante para o processo de desenvolvimento do ser humano, uma vez que é necessário ao educador unir o sentir com o pensar, levantando a questão sobre o aprendizado através de atos afetivos.

Essa posição repercute no processo de ensino aprendizagem, segundo este pensador, para quem a afetividade também está relacionada às emoções. O ser humano é, assim, visto como alguém que traduz suas emoções através de reações fisiológicas. Dessa forma, a afetividade começa desde cedo, pois ainda na fase de desenvolvimento do ser humano, ela vai sendo construída. Esse homem, então, torna-se um ser afetivo e, na medida em que vai crescendo, transforma-se também em ser racional.

A teoria de Wallon sobre a afetividade não está reduzida ao campo emocional, ou seja, ela abrange também outros fatores, como as paixões e os sentimentos. Nisso, acredita que, a emoção, por exemplo, é expressiva e sustenta um sistema de atitudes que podem se dar com o medo, alegria, raiva, ciúmes, tristeza, que tem uma postura que libera ou concentra energia com maior ou menor intensidade, e isso depende de cada pessoa e em cada momento, inclusive na escola. Por isso, a emoção expressa uma forma concreta de participação mútua que funde as relações interindividuais. Já no ato educacional, mais precisamente na relação pedagógica, a afetividade pode ser facilitadora do processo ensino aprendizagem, garantindo o bem-estar de todos os envolvidos, sem, contudo, sobressair o aspecto em detrimento do processo ensino aprendizagem, mas ele, o afetivo deve estar presente nas relações humanas, e isso faz a diferença.

Dessa forma, pode-se dizer que o aspecto afetivo deve permear as práticas do professor, no entanto elas não respondem pelos problemas afetivos expressos pelos alunos em

sala de aula, visto que, eles são reflexos externos que permeiam todas as atitudes do ser humano. Neste caso, o professor não deve ser responsabilizado por ter que mudar o aluno por determinados comportamentos adversos, pode sim ter uma prática afetiva em suas relações humanas, onde aluno e professor são partes de um processo, e cada um com sua particularidade e responsabilidade.

Dessa forma, pode-se dizer que a afetividade serve como elemento que resulta em ações que desencadeiam momentos de interação entre pessoas, entre o professor e aluno. Afirma que afetividade encontra-se no início do desenvolvimento infantil e define alguns estágios em que podem ser percebidas fases, que repercutem de maneira diferenciada na criança. Wallon (2006) explica-nos que:

A afetividade tem uma concepção mais longa, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade surgirá mais tardiamente, quando surgirem os elementos simbólicos. (WALLON, 2006, p. 5)

Outros autores, como Turrati, Pessolato e Silva (2011) e Carvalho e Faria (2010) têm como ponto de partida para a elaboração de análises, e de compreensões conceituais mutáveis, móveis, pois existem diversas interpretações quanto ao conceito de afetividade. Muitos dizem que não há uma definição enquanto que outros afirmam que tal definição existe. Dessa maneira, do ponto de vista segundo o qual essa “definição” não existe, o que se entende sobre a importância do afeto é que só haverá educação quando existir afeto na relação educador e educando. Isto, uma vez que a troca, as atitudes, os atos de carinho e atenção também são formas de afetividade. (TURRATI; PESSOLATO; SILVA, 2011). Assim, o educador também precisa amenizar os sofrimentos dos alunos, porque estes têm lacunas não preenchidas pelo afeto, como por exemplo, devido às suas famílias serem desestruturadas.

Diante da questão, a perspectiva de Turrati, Pessolato e Silva (2011) preza por não fazer definições fechadas quanto ao tema afeto. No entanto, cada conjunto de pesquisadores expressa seu ponto de vista crítico com teor reflexivo, e com base nos postulados de autores renomados, diferenciando as visões. Carvalho e Faria (2010) a afetividade permeia-se pela importância de valorizar os sentimentos dos educandos, bem como seus momentos difíceis, nos quais o aluno encontra-se desmotivado. Nessas ocasiões o educador precisa encontrar meios para ajudar o aluno, o que só é possível quando se usa a *ferramenta* do afeto.

Além disso, ainda na visão desses autores, a maioria dos alunos tem problemas internos que precisam ser percebidos pelo professor. Muitos alunos, por exemplo, têm problemas de aprendizagem, sentem-se inferiores aos outros, entre outras questões. Então,

postulam que esses problemas podem desaparecer a partir do momento em que o educador consegue ser afetivo, porque essas crianças são tachadas como “problemáticas”, ao mesmo tempo em que precisam de afeto. Por isso, quando este afeto surge no professor, todo o ambiente de sala de aula muda completamente, porque o educador consegue resgatar a autoestima do aluno a partir do olhar sensível para com o educando.

Nessa perspectiva, a participação familiar no processo de ensino aprendizagem é um importante aliado e reforço por amparar o trabalho docente, pois se entende que a falta de afeto tanto da família como do profissional que atua em sala de aula influi no emocional da criança e, conseqüentemente, em sua aprendizagem. Todavia, se a família e a escola se ajudam, cada uma com sua responsabilidade e fazer, estão desempenhando um papel importante na formação da criança, e a aprendizagem tende a se dar com resultados positivos.

Essa afetividade também pode ser conceituada como um fator que estimula o conhecimento. Em Wallon esse processo tem origens psicológicas e biológicas. Pode-se entender que esse assunto está constantemente atrelado ao momento psicossocial e biológico em que a criança encontra-se. Muitas vezes a criança está em instabilidade emocional, e considerar essa circunstância, essa dimensão, faz o tema ganhar valor científico por si. Através da observação da manifestação e reconhecimento desses afetos, professores podem considerar o aluno no processo de estabelecimento de relações psicossociais.

Na visão de Kirouac (2010) existe um contraste entre emoção e afetividade, em relação às quais afirma que afetividade é um estado de sensações que produz apelo ao prazer e desprazer, e o termo emoção é um estado que comporta sensações de bem-estar e tem origem biológica. Em Tassoni e Leite (2010), a afetividade conceitua-se como uma vivência que os indivíduos possuem no decorrer de experiências e como maneiras de expressão que vão de um nível mais complexo no âmbito da subjetividade humana, em sua essência. O termo emoção, para estes autores, pode estar relacionado a fatores biológicos, de modo que é uma reação de caráter físico, um estado que comporta sensações de bem-estar e cujas causas são biológicas.

Dessa maneira, em Wallon, a afetividade tem uma extensão maior e a emoção tem fator de origem extremamente biológica, salientando que ambos os conceitos relacionam-se. Com o aparecimento do elemento simbólico, ocorre a transformação da emoção em sentimentos, que também engloba a afetividade como um todo.

Na visão de Tassoni (2009) outra reflexão é evidenciada sobre a afetividade, que se dá em relação a um conceito que ainda não tem uma definição, porquanto há um entendimento de que a emoção possui um determinado conceito específico e afetividade possui outro. Consoante a este fato, Tassoni explica:

Não se pode negar que dentre os fenômenos psicológicos, os afetivos apresentam muitas dificuldades quanto à conceituação e estudos, o qual emoção encontra-se relacionado ao componente biológico, e afetividade está ligada as vivências dos alunos e formas de expressão. (TASSONI, 2009, p. 2)

Neste sentido, o conceito ainda é limitado, porque se constrói em torno de um tema muito amplo, no qual as emoções, os sentimentos e o afeto são coisas totalmente diferentes do que se compreende em seu significado corrente e cotidiano. Porém, alguns estudiosos, como Sant'ana, Loss e Cebulski (2010), Bezzera (2006) e Arantes (2001), formularam em suas reflexões com base na pesquisa/estudo sobre afetividade e cognição, que mostram a importância de todos esses elementos, que são a inteligência e o cognitivo, cujos fatores, segundo esses autores, são complementares.

Na concepção de Ferreira (1999), um conjunto de fatores da psique se revela sobre as mais diversas formas nos momentos expressivos da criança, como quando ela demonstra suas emoções e sentimentos. Podendo ser essas emoções tanto positivas quanto negativas. Referente a isso, o autor destaca que:

Afetividade significa: Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. (FERREIRA, 1999, p. 62)

É também, analisado por este autor que o afeto é algo já existente na criança, porque, desde o seu nascimento, esse aspecto vai sendo construído e, de acordo com a percepção que se tem de sentir e observar o contexto vivido pelo indivíduo são criados sentidos para todas as situações afetivas, ou seja, que o que acontece ao indivíduo está ligado à afetividade.

Com relação a esse aspecto, entende-se em Rossini (2012, p. 11) que se algo vivenciado está sendo agradável, prazeroso ou sofrível, todos esses conceitos são atribuídos à afetividade. Portanto, a afetividade também pode ser conceituada como a capacidade de provocar sentimentos, que pode influenciar nas relações de troca entre o professor e o aluno. Uma vez que também promove grandes transformações no outro, a partir do exercício de se trabalhar o afeto em sala de aula. Consoante a isto, Marques (2011, p. 9) diz que a “afetividade é a capacidade de provocar mudanças no outro a partir de sentimentos despertados através da interação e das trocas de experiências”.

É por meio dessas experiências e trocas que pode ser possível a afetividade aparecer, pois estão totalmente entrelaçadas a esta questão. Porém, o que se percebe na maioria das vezes é a falta de se reconhecer este campo, que ainda está muito distante do que se espera em

sala de aula. Essas trocas são elementos importantes e podem promover mudanças significativas na relação entre professor e aluno.

Percebe-se, então, dessa forma que a afetividade atua de maneira influente na relação do desenvolvimento ensino aprendizagem, em vista de que a diversificação de ideias, pensamentos e conceitos apresentam aqui e ali pontos comuns no que concerne à importância e aos resultados do aprendizado na educação em razão da exposição de sentimentos atinentes ao processo.

Dado que ainda estão sendo abordado variados conceitos sobre a afetividade e buscando entendê-los à luz da teoria de vários estudiosos, muito se pode encontrar sobre que é afetividade. Todavia, os autores possuem suas próprias concepções e isso enriquece ainda mais a compreensão que se espera desses conceitos apresentados em seus estudos.

Na visão de Nascimento (2011), a afetividade constitui-se de afinidades entre os sujeitos, de maneira que, através de se conhecer o outro é possível também estar conhecendo a si próprios, em uma relação na qual pode/deve haver respeito mútuo e, conseqüentemente, uma grande harmonia entre o aluno e seu professor.

Com base nesse pensamento, é possível inferir a partir das palavras de Rossini (2012, p. 10):

[...] Afetividade é necessária na formação de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo que a cerca [...] podemos então dizer que afetividade é que domina todas as ações do sujeito [...]. O que induz ao pensamento de que a afetividade traduzindo o ser feliz proporciona os elementos cognitivos de aprendizado.

Assim, Vieira e Lopes (2010) mencionam que a afetividade tem a ver com ternura, empatia e acolhimento, porque esses valores são ensinados pelos professores e são elementos que podem ajudar na comunicação entre o professor e seus alunos. Nesse sentido, para Spasiani (2005) e Borba (2007), a afetividade é o elemento chave na construção de diálogos afetivos, sendo considerada uma dinâmica, por seu grande caráter pedagógico.

Já de acordo com Mahoney e Almeida (2005), o conceito de afetividade tem a ver com disposição de o indivíduo ser influenciado pelo meio e também por se deixar ser atingido por algo que produziu nele sentimentos negativos quanto à sua potencialidade. Levando essa teoria à realidade da sala de aula, é possível verificar em muitas situações que a forma como a criança está aprendendo tal assunto ou matéria é o que determina se suas emoções estão sendo boas ou ruins.

Dentro dessa concepção, é referido que: “[...] A afetividade é a capacidade, a disposição do ser humano de serem afetadas pelo mundo externo e interno, por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis, conferindo significatividade e valor sentimental às situações”. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.19)

Ribeiro e Jutras (2006), que escreveram sobre as representações afetivas dos professores de ensino fundamental, analisam através de diversos autores supracitados, a importância de conhecer como os professores manifestam sua afetividade em sala e também como essas representações influenciam no processo de ensino e aprendizagem. Com relação a isso, os autores enfatizam que:

Espinosa (2002) e Dias (2003) consideram que a dimensão afetiva contribui para a aquisição de atitudes positivas em relação a professores, às disciplinas por eles ministradas e, conseqüentemente, para a aprendizagem cognitiva dos alunos na sala de aula. [...] Segundo Moll (1999, p.480), “a relação afetiva abre a relação com o saber”. Para Codo e Gazzotti (1999, p.50), “é por meio do estabelecimento das relações afetivas que o processo de ensino-aprendizagem se realiza”. (RIBEIRO; JUTRAS, 2006, p. 1)

Nesse sentido, esses teóricos inferem que só através do entendimento muito mais amplo sobre afeto, que é uma grande dimensão, pode se chegar a um processo reflexivo, centrado nas posturas que o educador precisa ter em sala, uma vez que, com esse conhecimento, o professor poderá ser um indivíduo afetivo. De forma que, tendo ele essa compreensão, certamente conseguirá manter essa dimensão dele mesmo como um ser afetivo.

É possível entender, levando também essa reflexão para a realidade de sala, que toda ação afetiva repercute na aprendizagem. De acordo com Moll (1999) essa dinâmica tem muito a ver com o saber, ou seja, não é somente através de conteúdos que a criança pode fazer relação com o seu meio, mas também com tudo o que ela consegue assimilar, que constitui o seu saber prático.

Assim, as autoras Ribeiro e Jutras (2006), que têm sua pesquisa na área da afetividade e cognição, fazem um cruzamento entre os principais elementos que constituem a afetividade, buscando entender cada item para chegar a uma reflexão por parte do educador, de que forma esses itens apareçam em uma relação escolar. A esse respeito, Gazzoti (2007) explica que é através dessa relação afetiva que o ensino aprendizagem pode ser possível, pois sem interação e sem compartilhamentos de ideias não haverá processo algum.

Além disso, ainda na visão desse autor, as representações são construídas na medida em que há relação positiva na escola, repercutindo toda relação ou interação na criança. Logo, neste artigo sobre representações afetivas, os autores constroem um quadro em que é possível

verificar cada fator, como amor, solidariedade, respeito, temas esses que a maioria dos educadores busca mostrar e ensinar aos seus alunos. Dessa maneira, todos esses elementos constituem o que é a afetividade.

Vasconcelos (2004), cuja linha de pesquisa é na área da afetividade na escola, aborda algumas questões como o surgimento das primeiras reflexões acerca da afetividade. Isto, assim como os filósofos que desenvolveram pensamentos sobre emoção, razão e sentimentos e também como essas concepções foram mudando e sendo compreendidas à luz de teorias formuladas por diversos estudiosos da área da subjetividade. Dessa maneira, é possível compreender melhor esse itinerário a partir da constatação de que:

Não é recente a discussão sobre o papel da afetividade na constituição da subjetividade humana. Inserida na história da filosofia, no contexto das relações entre razão, emoção e sentimento, foi motivo de aquecidos debates envolvendo grandes filósofos, que ora valorizavam os conflitos existentes entre razão e sentimentos, ora a dicotomia ou o papel superior de um aspecto sobre o outro. De um modo geral, o que se evidencia nos escritos dos filósofos, da Grécia antiga até a modernidade, é uma concepção dissociada, na qual a razão quase sempre tem *status* superior com relação aos sentimentos. (VASCONCELOS, 2004, p. 15)

Com base nesse pensamento compreende-se que muitos filósofos daquela época, valorizavam muito mais a razão, deixando de lado a papel das emoções, pois eles acreditavam que tudo poderia ser resolvido através da racionalidade, que a razão era muito mais ampla, e que o ser humano poderia ser analisado sob uma ótica puramente racional. Poucos eram os filósofos que se debruçavam sobre a questão afetiva, posto que as subjetividades foram construídas, a princípio, em contraste em relação com o predomínio da razão absoluta e imperativa.

Dessa forma, Vasconcelos (2004) afirma também que os conceitos de cognição e afeto foram divididos por um bom tempo. Isto é, tinha-se a compreensão de que eles eram elementos sem associação nenhuma. Porém, na atualidade eles podem ser entendidos de forma bem clara, de maneira que estes dois elementos são complementares. Em relação a isto, é possível observar que:

Os empiristas “cuidaram” da razão e os inatistas da emoção. Posteriormente, com a consolidação de grandes teorias psicológicas como a gestalt, a psicanálise, o behaviorismo, a epistemologia genética, a psicologia cultural e a psicologia sócio histórica, o problema passa a ser debatido de modo mais aprofundado por cada modelo e começam a aparecer estudos sobre as relações entre cognição e afetividade. (VASCONCELOS, 2004, p. 367)

Assim, os estudos sobre cognição são vastos, uma vez que, segundo Vasconcelos (2004), todos esses campos do saber foram aparecendo com o intuito de serem objetos de estudo, no qual cada aspecto vai ser explorado, sendo a cognição debatida de modo fragmentado pelas teorias psicológicas, assim como por novos estudos sobre o fator cognitivo.

A Pedagogia Waldorf como campo no qual muitos teóricos debruçaram-se para entender o âmbito da cognição e afetividade, permite, na visão de Sant’ana, Loss e Cebulski (2010), entender que o homem é visto como um ser racional, que está à margem do emocional, uma vez que ele constrói seus conhecimentos através do cognitivo. Nesse sentido, compreende-se que:

Por exemplo, essa pedagogia ainda pensa o homem como ser racional num sentido especial de sua existência; isto é, a racionalidade ainda é algo glorificante ao sentido de ser do homem, postando-o em superioridade às outras formas de vida. Nesse sentido, a cognição é um estágio último de evolução da vida. Tal premissa tem o poder de enveredar para certa “cegueira” o verdadeiro sentido da razão constituída na condição humana. (SANT’ANA; LOSS; CEBULSKI, 2010, p. 15)

Na concepção de Vieira e Lopes (2010), a afetividade é um elemento importante no decorrer das vivências em sala de aula, de maneira que as atitudes afetivas vão definir como será o comportamento dos indivíduos, especificamente o educador. Fazendo um comparativo com essa citação, pode-se perceber como o professor pode ser afetado e se deixar afetar pelos sentimentos dos alunos, demonstrando assim toda a dimensão da subjetividade. Com relação a isto, entende-se que:

A afetividade é parte integrante da subjetividade sendo as expressões melhores compreendidas se considerar os afetos que as acompanham. Logo os afetos determinam o comportamento humano e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica, pois, expressam-se nos desejos, sonhos, expectativas, palavras e gestos que cada ser humano nutre ao longo da vida. (VIEIRA; LOPES, 2010, p. 21)

Assim, ainda nessa trajetória de pensamento, pode-se compreender que, pelo fato de a afetividade ser parte determinante na educação, ela constitui-se de expressões afetivas que devem ser exercitadas diariamente, pois a afetividade, segundo Vieira e Lopes (2010) é algo já internalizado em muitos indivíduos e que só precisa ser estimulada pelo educador, sendo parte integrante em sua conduta em sala de aula.

Wallon, que formulou a famosa teoria do desenvolvimento da criança, afirma que emoção e afetividade são elementos que não estão muito distantes um do outro, requerendo a própria assimilação do conhecimento uma prática afetiva que certamente influencie no

comportamento dos alunos. À medida que a construção da inteligência está totalmente alicerçada na afetividade, conforme essa ideia, Wallon mostra que:

Na obra Walloniana, a afetividade constitui um domínio funcional tão importante quanto o da inteligência. Afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois, embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados. (Wallon, 2010, p. 8)

Por conta disso, a obra de Wallon (2010) faz entender que ele não só formulou uma teoria unidimensional, mas nela está contido tudo sobre afetividade e como essa teoria implica em muitas práticas pedagógicas. Desse modo, há muito tempo somente a inteligência e a aprendizagem de conteúdos eram valorizadas, em um cenário em que predominava nas escolas antigas, baseadas na educação bancária, que não privilegiava os saberes afetivos, desconsiderando que a psique humana engloba tanto a compreensão do afeto quanto a cognição (inteligência), de maneira que uma depende da outra.

Assim, essa reflexão pode ser relacionada com a atualidade de muitas escolas, nas quais o cognitivo é geralmente mais valorizado e estimado, sendo até hoje um assunto que causa sérios questionamentos quanto ao fato de se entender como essa estrutura é processada na mente humana. Também pode se pensar, portanto, que a habilidade cognitiva é um dos fatores com o qual os educadores mais trabalham em suas práticas pedagógicas, por isso foi citado ser esse elemento mais importante do que os elementos afetivos. Para uma melhor compreensão, é importante lembrar que, na realidade de muitas escolas, a cognição parece se contrapor ao afeto, configurando-se ambas como dois elementos distintos e inconciliáveis para muitos educadores, que não lhes conferem ligação alguma. Em relação a isto, é dito que:

Como peças conjuntas de um processo único no funcionamento psicológico, sendo assim de pouco valor dividi-las em fragmentos dissociados entre si. Em cada experiência, o ser humano é cognitivo-afetivo ao mesmo tempo, estando em proporções variáveis “mais” afetivo ou “mais” cognitivo, ou quem sabe ambas somadas. Ou seja, sendo inseparáveis. (MENON, 2004, p. 109)

Nesse sentido, Menon (2004) explica que a afetividade tem sim ligação com a cognição, uma vez que elas são inseparáveis, como se pode verificar na citação acima. Conquanto essa afirmativa deva ser um exercício de reflexão, alguns educadores acham que elas são coisas diferentes. Porém, como ele mesmo enfatiza, não se pode pensar em ambos os aspectos de forma fragmentada. Sobretudo porque, em uma relação afetiva percebe-se que os dois fatores precisam andar juntos: assim como é necessário construir a cognição do aluno, também é importante construir afetividade com ele, pois os dois constituirão a relação de

afeto que o educador vai manter com o seu aluno. Neste sentido, Menon atesta esse pensamento, explicando que:

Por esse entendimento, é sabido que o conhecimento humano advém em parte pela ação do intelecto, mas está englobado pelas vivências afetivas do ser humano, possibilitando-o a experimentar uma porção de estados de ânimo, que influencia expressivamente a sua condição humoral. (MENON, 2004, p. 9)

Outra análise, feita por Santa’na, Loss e Cebulski (2010), enfatiza que a afetividade e a cognição deveriam ser bem compreendidas pelos educadores, pois se também houvesse uma integralidade, certamente haveria uma sensível redução do racionalismo, em um contexto de uma sociedade com um “racionalismo exacerbado”, como os autores pontuam, uma vez que se utiliza de uma linguagem filosófica, que ajuda muito a entender o assunto de maneira mais clara e crítica. Pode-se entender melhor os autores colocam:

A educação poderia ser mais bem efetivada se procedesse a integralizar o sentido da *Afetividade* e a cognição, diferentemente do que se vem praticando: um privilégio exacerbado na educação (condução) “racional”. O que acontece é que a educação como está, notoriamente, apresenta problemas: os educandos, os que são conduzidos, não compreendem o sentido do que aprendem; os professores, os que conduzem, não conseguem repassar seus conteúdos (seus objetivos educativos) ou mesmo não sabem quais são seus objetivos enquanto educadores, ou não compreendem o que estão ensinando. (SANTA’NA; LOSS; CEBUSKI, 2010, p. 12)

Nesse sentido, faz-se necessário que essa Educação contemporânea não dispense atenção plena somente ao racional, mas que privilegie as subjetividades dos educandos e educadores. Caso contrário, segundo Santa’na, Loss e Cebulski (2010), essa educação estará perdida, sem ter um rumo de se querer ampliar mais as questões que unissem os dois eixos apresentados. De forma que ela se encontra em um estado de certa precariedade quanto à urgência em aliar a cognição à afetividade.

Assim, a seguir busca-se evocar algumas questões pertinentes que certamente podem ser analisadas sob a ótica da realidade social, uma vez que são estabelecidos os diálogos com os autores com a finalidade de entender e refletir sobre o tema principal. Acredita-se, dessa forma, ser essa discussão pertinente ao campo da educação, podendo contribuir de maneira positiva para a consolidação de uma reflexão intensa. É de suma importância esta parte do estudo, delimitado pela intenção de se fazer compreender o assunto estudado pelos autores.

Em face disso, traz-se para este capítulo todo o conteúdo sobre afetividade, em um momento do trabalho no qual os autores discorrem de formas contraditórias e relacionais o assunto. Como parte integrante desse estudo, também serve de base para que se entenda os problemas da Educação a partir dessa análise reflexiva, que tem como grande interesse

suscitar em profundos questionamentos quanto às possibilidades de que a teoria se sobreponha à prática ou nela tenha repercussões.

É possível afirmar, então, que o capítulo mostrou diversos pontos de vista, sendo esta a sua principal intenção, situar o conhecimento sobre o debate, assim como provocá-lo, gerando perguntas e a vontade de entender a realidade vivida sob uma perspectiva mais ampla, que possa também difundir um sentimento de apreciação e questionamentos plausíveis, cuja orientação seja de nos fazer perceber tal realidade escolar de maneira mais significativa.

As deduções e assertivas desse estudo, do que é, e o que faz a afetividade no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, são vistas ao longo do desenrolar da abordagem desse e dos demais pontos atinentes ao tema. Como age este sentimento e que resultados produz e pode produzir no aprendiz, quando utilizado como elemento/ferramenta de cognição e construção de conhecimento da criança/estudante.

## 2.2 O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM E A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE

Como foi possível constatar na subseção anterior, por meio do estudo dos autores, seus pensamentos, ideias, opiniões e pesquisas, a afetividade exerce um papel fundamental em todo o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem do aluno da Educação Infantil. Mostram esses autores que a criança que recebe e percebe o afeto do professor no exercício do seu percurso de estratégia metodológica melhora o seu rendimento e tem um aprendizado mais rápido, nítido e perene na sua construção do conhecimento. (DESSEN; POLÔNIA, 2005)

Por esse entendimento, destaca-se o item abaixo, para que se faça a sequência da discussão no sentido de focar mais especificamente no como se dá o desenvolvimento da afetividade durante o processo ensino aprendizagem.

O desenvolvimento do processo ensino aprendizagem ocorre em decorrência da ação e fusão de vários aspectos, primários e secundários, mas que, de forma geral, colaboram, ora individual, ora de maneira coletiva, em associação, para que o aluno, nesse caso, da Educação Infantil, consiga realizá-lo e assim possibilitar a construção do seu aprendizado.

Há todo um percurso, permeado de estratégias metodológicas, atrações e percepção do regente, para os elementos/fatores que agilizam o aprendizado discente. A observação do

professor em sala de aula é fundamental para a aplicação dessas sistemáticas com eficácia, em que o aluno conseguirá perceber o objetivo do percurso e o conteúdo alvo.

Pode-se dizer que, o fator afetivo é muito importante para o desenvolvimento e a construção do conhecimento, pois por meio das relações afetivas o aluno se desenvolve, aprende e adquire mais conhecimentos que ajudarão no seu desempenho escolar. Ser professor não se constitui em uma simples tarefa de transmissão do conhecimento, pois vai mais além e também consiste em despertar no aluno valores e sentimentos como o amor do próximo e o respeito, entre outros. Observa-se que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional. Assim, acredita-se que o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação no processo ensino e aprendizagem em sala de aula.

Segundo Galvão (1996), Wallon propõe o estudo integrado do desenvolvimento, analisando os campos funcionais: motor, afetivo e cognitivo do ser humano, em conjunto. O autor estabeleceu estágios de desenvolvimento, nos quais se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Os estágios propostos por Wallon são: impulsivo emocional (0 a 1 ano), sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos), personalismo (3 a 6 anos), categorial (6 a 11 anos), puberdade e adolescência (11 anos em diante). A descrição que Wallon faz dos estágios não é organizada de forma sistematizada e contínua. Na maioria de seus escritos, o autor seleciona um tipo de atividade e prossegue mostrando suas características em várias idades, estabelecendo relações com outros tipos de Atividades.

Para Galvão (1996, p. 40), Wallon aponta três princípios funcionais que “agem como uma espécie de leis constantes” que regulam o desenvolvimento humano, são eles: integração, preponderância e alternância. Tais princípios definem o desenvolvimento como um processo descontínuo, marcado por rupturas e conflitos, e também proporcionam características próprias a cada fase do desenvolvimento.

Para Mahoney (2010, p.14) estes princípios que também podem ser denominados de leis “descrevem tanto o movimento do processo de desenvolvimento no seu todo, como nas fases menores dentro de cada estágio”. Em cada estágio há a predominância de um campo funcional (motor, afetivo e cognitivo) sobre os outros. Quando a afetividade prepondera sobre a dimensão cognitiva, o conhecimento da criança se volta para si mesmo, este movimento é chamado por Wallon de centrípeto (Galvão, 1996), já quando a dimensão cognitiva predomina temos o movimento contrário que é denominado de centrífuga, no qual a criança

busca o conhecimento do mundo externo. Embora os campos funcionais passem por predominância e alternância, eles estão constantemente integrados.

Em todo o momento o conjunto afetivo e o conjunto cognitivo se inter-relacionam e influenciam-se mutuamente, promovendo o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade. A dimensão motora não assume preponderância em nenhuma fase, mas possui um papel fundamental no desenvolvimento da criança. O desenvolvimento infantil não se inicia cognitivamente, e sim pela sensibilidade interna, que é o que predomina nos primeiros anos de vida da criança.

O aspecto cognitivo do desenvolvimento se caracterizará pela sensibilidade externa. Segundo Tassoni (2009) o domínio afetivo vai se constituindo a partir de uma sensibilidade orgânica, que funciona de uma maneira muito intensa e precisa na etapa inicial do desenvolvimento humano.

Para entender melhor de que forma essa afetividade contribui no processo ensino aprendizagem, busca-se um aprofundamento mais específico e teorizado, pois quando se fala em afetividade para aprendizagem é preciso considerar as características do ambiente escolar, visando os processos cognitivos de todos. A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e aprender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa vida. Para essa questão, Vygotsky defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsão dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa ou recebemos influência externa. (BOCK, 2007, p 124)

Dito assim, não basta apenas investigar, refletir ou identificar a forma de trabalhar a afetividade nas escolas, pois ensinar é, em síntese, um esforço para auxiliar ou moldar o desenvolvimento de cada indivíduo, porque esse é um processo que se dá de fora para dentro.

Assim, o processo ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces e, a relação professor-aluno é um fator determinante, e o processo ensino-aprendizagem é o recurso fundamental do professor: sua compreensão, e o papel da afetividade nesse processo, é um elemento importante para aumentar a sua eficácia, bem como para a elaboração de programas de formação de professores.

O processo ensino aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor de oferecer diversidade de situações, espaço, para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior, e assim facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos.

Dessa forma, o processo ensino-aprendizagem precisa oferecer atividades e a possibilidade de escolha pela criança das atividades que mais lhe atrai e causa prazer. O importante do ponto de vista afetivo é reconhecer e respeitar as diferenças que despontam como chamar pelo nome, mostrar que a criança está sendo vista, propor atividades que mostrem essas diferenças, dar oportunidades para que as crianças se expressem. Nesse caso, a afetividade também é concebida como o reconhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contado físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem.

Finalmente, é importante dizer que, a afetividade constitui-se fator essencial na vida escolar, devendo, pois o professor, estar ciente dos problemas que pode enfrentar e estar preparado para resolvê-los. Isso porque muitas crianças revelam rejeição à escola devido a primeira infância tumultuada e carência da afetividade no espaço escolar.

### 3 FORMAÇÃO DE PROFESSOR E A AFETIVIDADE

Discorre-se nesta sessão sobre a formação de professor e a afetividade, na colocação dos documentos sobre a afetividade e sua importância para a educação, como eles tratam o assunto e, que cursos são oferecidos para que essa dimensão seja considerada participativa na aprendizagem, observando como está sendo pontuada essa importância ou se discutem, e se oferecem reflexões sobre esse campo do conhecimento.

Conforme as próprias diretrizes apontam, é fundamental que os professores em formação vivenciem um processo ensino-aprendizagem coerente e relacionado ao que é esperado que eles pratiquem quando formados uma vez que é fundamental que os licenciandos possam experienciar, enquanto alunos, situações de ensino-aprendizagem que levassem em consideração a afetividade, não só na questão do vínculo professor-aluno, mas também na valorização e aquisição de conhecimentos sobre a dimensão afetiva, inclusive sobre a própria afetividade.

Por conta disso, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Nº 9.394/96, estabelece no seu Art. 62 que os professores da Educação Básica possuam nível superior, mas, permite que na educação infantil e nas séries iniciais a formação mínima seja em nível médio, segundo a modalidade normal. Diante da questão, sabe-se que há instituições de educação infantil com professores despreparados e desqualificados dentro da sala de aula, lidando com as emoções nas quais desconhecem a sua origem.

Por conta de tais questões, é preciso que o professor da educação infantil, deva ter uma formação onde disponha de habilidades e competências para lidar com as crianças da educação infantil. É preciso atentar para essa situação, na qual o auxiliar não tem obrigação de elaborar planos e planejar aulas e atividades com as crianças, fazer pesquisa, buscar a fundamentação teórica, avaliar e registrar, que são instrumentos essenciais ao professor. Para isso é preciso uma formação sólida tal qual Cavalcante (2013) nos coloca:

A pedagogia é o curso superior responsável por capacitar professores que lecionam para alunos de 0 a 10 anos. Também, capacitando o gestor; o formador de professores em nível médio normal; o coordenador; o supervisor; o orientador educacional [...], sem contar os trabalhos desenvolvidos em outros ambientes, como em espaços culturais e empresas. (CAVALCANTE, 2013)

A partir da colocação, entende-se que o Brasil precisa rever o currículo do curso de Pedagogia, que em sua matriz curricular não evidencia o estudo das emoções e outras especificidades das crianças dessa modalidade. Assim, acredita-se que, o problema está no

currículo que precisa ser reformulado e se adequar a realidade da escola pública, trabalhar a afetividade das crianças e do profissional em exercício.

Nessa linha de pensamento, precisa-se de investimentos na formação inicial, continuada e em exercício dos profissionais da educação infantil. Muitos têm carência em sua formação, principalmente, em saber lidar com as emoções em sala de aula que é um trabalho especial, mas que a prática exige.

Valer ressaltar que, toda relação é irrigada de afeto, sendo este o elemento fundamental das relações humanas. No processo educativo a relação professor e aluno é uma interação que dá sentido à aprendizagem. O docente precisa refletir em sua prática como anda essa relação para poder investir em mudanças se preciso for.

O professor, em princípio, deve estar atento para as demonstrações dos comportamentos dos alunos, pois é a forma de como encara-los que irá possibilitar um melhor relacionamento com eles em sala de aula.

Sendo o trabalho docente eminentemente voltado para o ser humano, é relevante que o professor saiba mobilizar os mais diferentes saberes e competências da profissão, entre elas, o conhecimento a respeito do ser humano, bem como a finalidade, os objetivos, os objetos e os sujeitos de seu trabalho, para Veiga (2006, p. 24) “a afetividade do ato de ensinar, implica um trabalho de equipe, pois o processo que se vive em grupo é valorizado e colocado ao alcance dos participantes”.

Por conta disso, o aprendizado sobre emoções, sentimentos e afetos inicia a partir da vida intrauterina de uma pessoa, e se estende por toda a sua existência, ainda que o negligenciemos. Sobre isso afirma Brandão (2005, p. 67) “Somos seres autopoieticos destinados a uma contínua construção de nós mesmos, a todo instante e de várias maneiras convergentes”.

Dessa forma, acredita-se que, as escolas deveriam ser centros em que a afetividade fosse motivada e ensinada, assim como os outros conteúdos curriculares, para que os membros da comunidade escolar pudessem desenvolver e organizar seus valores e pensamentos, pautados em princípios éticos, solidários, responsáveis e respeitosos, pois, a afetividade faz parte do ser humano e pode ser recuperada, aprendida, ensinada, retrabalhada, motivada internamente e incentivada externamente.

Nesse contexto, esses valores podem ser desenvolvidos socialmente nas relações entre comunidades, para recuperar ou retrabalhar laços de afetividade perdidos pela dureza e contingências das relações sociais vivenciadas pelos sujeitos. A respeito dos valores que

podem ser trabalhados na produção do conhecimento, por meio dos conteúdos escolares, desenvolvidos na escola, observe o que diz o autor nesta afirmação:

Todo conhecimento é humano, poderá e deverá ser útil, imprescindível. Poderá desenvolver a consciência crítica e a lógica, o raciocínio e a sensibilidade, a memória e a emoção, a estética ou a ética. Dependerá do nosso trato pedagógico. Esta arte de explorar as potencialidades pedagógicas de todo conhecimento, sentimento ou emoção é o que nos diferencia de outros profissionais desses mesmos conhecimentos e arte. (ARROYO, 2000, p. 215)

Diante do exposto, é importante, que as escolas trabalhem a educação dos sentidos além do desenvolvimento da razão, o que implica na formação de um novo professor, dotado de condições e qualidades fundamentais ao exercício de sua função, entre elas, a habilidade de se relacionar afetivamente, pois, as orientações dadas pelo professor apresentam aspectos afetivos que lhe dão um efeito original e pessoal, variando, entretanto, em cada uma das pessoas que as recebe, a partir de suas particularidades, entre elas a afetividade que é bem ampla, e refere-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressões mais complexas e humanas.

Nesta perspectiva, buscar encontrar pistas que mostrem o professor por ele mesmo, partindo do que ele pensa sobre si e, assim, compreender o que faz, como lida com a afetividade em seu trabalho pedagógico de sala de aula e, de que forma ela marca sua vida pessoal e profissional, e, como ele manifesta seu afeto em relação aos alunos e a si mesmo, é um desafio.

Vale citar que a nossa formação pessoal poderá influenciar às nossas escolhas profissionais e, enriquecer ou empobrecer o nosso trabalho. Diante disso Freire (2004, p.186) defende que “É preciso haver uma indispensável coerência entre o que se diz e o que se faz – o meu discurso não pode diferenciar-se do meu gesto”. Realidade que demonstra o quanto o professor precisa ser coerente entre seu discurso e sua prática, tendo em vista que suas ações cognitivas e racionais podem trazer influências afetivas para a vida do aluno, pois, assim como uma situação afetiva pode nos levar a raciocinar, uma situação de aprendizagem também pode nos emocionar profundamente, transformando-nos como pessoas e, profissionais.

Por conta dessas questões, o professor trabalha com seres humanos e com conhecimentos, por isso ele precisa estar preparado para compreender o ser humano, o qual apresenta características próprias que condicionam a ação do professor e, trazem interferências significativas para o desenvolvimento de seu trabalho, pois, a sua ação é coletiva, já que ele trabalha com a diversidade. Isso demonstra, ser importante que o professor

e os demais profissionais que atuam na escola, tenham estados emocionais positivos, que despertem nos alunos o gosto pela vida e a capacidade de lutar por seus objetivos de forma ética e afetiva.

Para entendermos melhor a questão, Nóvoa (1995, p.36) cita que “a profissão docente encontra-se num processo de redefinição e de diversificação das suas funções no seio das escolas”. Neste sentido, é bom que o professor esteja preparado para exercer essas diferentes funções, sem perder a consciência de que seu lugar é o de professor, tendo em vista que, na docência, professores e alunos ocupam lugares diferentes, não somente em relação ao espaço físico distribuído nas salas de aulas, mas também, em relação a seus papéis sociais nessa relação, o que não quer dizer que exista superioridade do professor sobre o aluno, mas sim, que existe uma questão de hierarquia acadêmica. Funções essas, que vão, além de ser responsável pela formação intelectual e profissional do aluno, o professor tem responsabilidade pela formação de valores humanos e de posturas éticas. Ou seja, na condição de professor ele precisará ter uma formação que lhe confira estes saberes, questão que nem sempre está colocada em nossos cursos de formação profissional, sendo na maioria, responsabilidade pessoal e profissional de cada educador, descobrir os espaços que lhe propiciam estes saberes formativos.

Ainda evidencia também, que o professor tem necessidade de buscar ampliar sua própria formação e de incluir nela, os elementos que ele considerar importantes, e que, no entanto, não estavam representados em sua formação acadêmica. Sobre esta questão, argumenta Roman (2004, p.296) que “Sendo o homem uma totalidade, a docência, independentemente do âmbito em que ocorra, não pode estar desligada da formação do homem, pois, não existe um mero ensinar”. Completando seu pensamento a autora afirma que, “também educam os mestres que imaginam prescindir de qualquer posição e julgamento. Mal-educam, mas educam”.

Em contrapartida, a formação docente de qualidade social, não se fundamenta apenas na competência técnica, metodológica e racional, para Manchand (1985, p. 93) “toda pedagogia dessa relação leva, pois, em última análise, a uma formação do mestre que se preocupe, principalmente, com o aspecto da afetividade”.

Em face disso, o possível despreparo, leva o professor agir de maneira incompreensiva, descontrolada e estressante na busca de soluções para os conflitos gerados pelas emoções nas crianças, afastando assim o educando de si. Contudo, muitas são as ações do professor constituídas de condicionantes positivos ou negativos como, por exemplo: problemas familiares; baixos salários; desmotivação; desentendimentos com a direção da

escola ou colegas; dedicação; responsabilidade. O modo pelo qual são resolvidos estes impasses afetará automaticamente a sua prática pedagógica. Dessa forma Tiba retrata que:

Olhar a atuação docente por esse ângulo, não é admitir que os alunos pudessem ser atingidos com o mau humor e os problemas do professor, mas, tornar o ensino mais humano. Cuidar do profissional é, muitas vezes, a melhor solução para o problema da “criança difícil”. As reações sentimentais variam conforme cada aluno podendo surgir atração ou repulsão como resultado do confronto entre eles. (TIBA, 2007)

Nesse caso, o professor deve conhecer seus alunos não somente no cognitivo, mas, também, no emocional. Conhecer e entender a criança para melhor trabalhar suas emoções é para o profissional uma tarefa difícil quando não se tem um preparo adequado para lidar com os conflitos emocionais em sala de aula.

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve ser conhecida não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas, também, na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz na escola. (SALTINI, 2002, p. 73)

Verifica-se que as crianças precisam estabelecer com o professor uma relação íntima e amigável. Elas vão para a escola com expectativa de encontrar uma pessoa que as amem e que lhes acolham; escute-as; ofertem-lhes carinho e o mais importante que lhes deem autonomia para que sejam elas mesmas. As crianças devem sentir que podem contar com o professor.

Wallon chama atenção para a relação entre afetividade e inteligência. Em seus estudos sobre o desenvolvimento infantil, encarou o estudo das emoções com mais dedicação e lucidez. “Devemos estudar a emoção como um aspecto tão importante quanto à própria inteligência e que, como ela, está presente no ser humano [...]”. (WALLON, 2010, p.12)

Segundo o autor, assim como a inteligência, a afetividade está presente em todo o decorrer da vida do ser humano. Ao tentar separá-las pode haver um confronto, ambas são inseparáveis na construção da personalidade da criança. É indiscutível a importância que a escola exerce na formação da criança. As experiências vivenciadas nesta possuem um grande significado para o desenvolvimento social e afetivo da criança. É um desafio para o professor, uma vez que os progressos da inteligência, que é de responsabilidade do docente, dependem muito do desenvolvimento da afetividade.

A afetividade é a mola propulsora para uma discussão em sala de aula, assim, não basta entender a afetividade, é necessário introduzir o estudo das emoções no curso de formação de professores, assegurar que a competência é um meio de favorecer uma ação

pedagógica mais eficaz. Assim, enquanto o conhecimento das emoções é para o professor a mola mestra do equilíbrio, o desconhecimento pode significar o risco de um insucesso escolar.

Diante disso, faz parte do trabalho docente na educação infantil lidar com as emoções e suas manifestações como: choros, gritos, mordidas, risos, abraços e silêncios... Por isso, é de suma importância o curso de professores contemplarem essas questões. De certo modo, as formações não aprofundam os temas da afetividade e das emoções.

Para a questão, Freire (2010, p. 11), recomenda que “a tarefa do ensinante [...] é exigente de seriedade, de preparo físico, emocional e afetivo”. Disso pode-se questionar; como poderia nos cursos de formação inicial, continuada ou em serviço, preparar o professor emocionalmente e afetivamente? O professor vivencia momentos de extrema afetividade, e que nessa vivência, não basta, apenas, teorias. É preciso à reflexão de como anda a sua prática pedagógica baseada em sua afetividade e das crianças. Por isso Freire (2010) relata que:

O mundo afetivo desses cem números de crianças é roto, quase esfarelado, vidraça estilhaçada. Por isso mesmo essas crianças precisam de professoras e professores profissionalmente competentes e amorosos e não de puros tios e de tias. (FREIRE, 2010, p. 73-74)

Para esta questão acima, o autor se refere ao amor do professor pelo ofício e pelo outro. Amar todas as crianças, principalmente, aquela “criança difícil”, e que o professor não deve ser comparado com tia ou tio, pois o seu trabalho vai além do parentesco. Sua função é educar, cuidar para que a criança seja um cidadão crítico diante dos desafios a serem encontrados ao longo de sua existência.

O que se valoriza no profissional da educação infantil é a competência intelectual e não a competência emocional, no entanto, ambas precisam ser valorizadas. A competência do professor em saber lidar com as suas próprias emoções e as das crianças, em coletividade, é tão importante quanto o conhecimento teórico.

Em relação a isso, torna-se importante que as políticas de formação docente considerem os aspectos da subjetividade e da afetividade deste, pois, ele trabalha na formação de outras pessoas e lida o tempo todo com as emoções, com os sentimentos e com o afeto, tanto os seus, quanto os dos outros, visto que, ao trabalhar os conteúdos de ensino, ele mobiliza uma série de outras habilidades e competências, entre elas, a emocional que é fundamental no processo de construção da aprendizagem cognitiva e afetiva das pessoas.

Ao falar da questão, Barros (2006, p.172) defende que “O aluno aprende realmente bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades”. Muitos professores, ainda não perceberam a importância de valorizar a

afetividade nas relações educativas, ou então não conseguiram fazer isso, em decorrência de vários fatores que vem dificultando sua formação, entre eles pode-se fazer referência às políticas de formação impostas pelos financiadores e adotadas pelas instituições formadoras sem questionamento a respeito dos valores atribuídos às questões da subjetividade dos sujeitos, entre as quais se situa a afetividade.

A formação do professor exige outros saberes fundamentais e competências necessárias ao exercício docente, tendo-se em vista que, o magistério é uma profissão importante no contexto social e por isso, necessita de uma formação ampliada, consistente, competente e, diversificada, assim como sugere Gauthier (1998, p. 21) “O saber do magistério, não se resume apenas ao conhecimento da matéria que ensina”.

Para isso é importante que o professor esteja motivado por sua profissão, e que é necessário analisar a formação do professor a partir da formação inicial desenvolvida na graduação onde se aprende elementos fundamentais para o exercício da docência, porém, deixam profundas lacunas que precisam ser preenchidas ao longo da profissionalização, a partir da vontade individual e coletiva do professor, das condições epistemológicas, metodológicas e políticas filosóficas, ofertadas pelas instituições formadoras, entre outros tantos fatores que interferem e influenciam essa formação, como evidenciei no relato anterior, ao expressar o desejo de ser uma boa professora.

Nessa perspectiva, considera-se que a formação dos profissionais da educação é de ordem política, filosófica, econômica, cultural e histórica, além de pedagógica, pois, todos esses aspectos a influenciam a partir de princípios e interesses, que por sua vez, é regulado por um sistema de controle das relações entre saber e poder, influenciando dessa maneira, as políticas de formação docente e os próprios docentes.

É salutar que os professores, passem a assumir uma postura de abertura diante do mundo, além de serem preparados, formados e orientados para terem autonomia, capacidade crítica de formular seus juízos de valor, capacidade de tomar decisões, de conduzir seus destinos, pois, hoje mais do nunca discute, Zorzo (2004, p. 34) “a educação acerca-se do seu princípio fundamental: o desenvolvimento total dos seres humanos: espírito, corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade social e pessoal e espiritualidade”.

É com essa intencionalidade, que deve ser trabalhada a formação do professor, pois, ele trabalha a formação de outros seres humanos. Formação essa, necessária diante das constantes exigências do mercado de trabalho, as quais vêm abalando a estrutura emocional do professor, o qual se sente inseguro diante delas, podendo até perder a identificação com a

docência, o que afetaria sua atuação profissional e sua vida pessoal. Todavia, pode-se ainda lutar contra essa situação, pois, na condição de educadores, temos e teremos a obrigação de transformar esta realidade em algo melhor, considerando, que não somos meros transmissores de conteúdos. Pois a isso Chalita (2001) cita:

Para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto. Ninguém dá o que não tem. O copo transborda quando está cheio; o mestre tem de transmitir afeto, cumplicidade, participação no sucesso, na conquista de seu educando; o mestre tem de ser o referencial, o líder, o inventor seguro, capaz de auxiliar o aluno em seus sonhos, em seus projetos. (CHALITA, 2001, p. 164)

Portanto, é de suma importância, que o professor tenha uma formação que o contemple em sua particularidade, em sua totalidade, em sua humanidade, despertando nele, a sua afetividade, dando-lhe condições para saber lidar com as mais diferentes situações em sala de aula e na vida de modo geral, pois: “o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, de insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando coragem”. (FREIRE, 2006, p. 45)

Para que esta realidade se concretize em nossas ações educativas e sociais, é fundamental que se trabalhe as emoções, os sentimentos e o afeto de forma permanente em todas as nossas ações, tendo-se em vista que, antes de sermos profissionais, somos pessoas dotadas de razão, de afeto e de sentimentos, os quais precisam ser percebidos na formação do professor, porque ele é uma pessoa dotada de muitas dimensões e, portanto, deve ser visto por inteiro, de corpo e alma.

Entretanto, para que isso se efetive, é importante uma formação que leve em conta, além, dos saberes curriculares, disciplinares, saberes epistemológicos e pedagógicos, os saberes da experiência, da competência e do conhecimento a respeito do ser humano, afinal seu trabalho se realiza na relação entre humanos. Sampaio (2004, p.67) salienta:

A educação emocional é de fundamental importância na formação do educador, para que possa ampliar a clareza de sua missão e possa agir coerente com ela, exercitando as habilidades e as competências emocionais que lhe dê uma estrutura capaz de comprometer-se e responsabilizar-se pela formação dos seus alunos.

De acordo com a visão da autora, esta estrutura emocional e de conduta contribui para que o professor eleve sua autoestima, o respeito por si mesmo, e a automotivação na compreensão da sua importância para a transformação humana. Ou seja, ela o ajuda a identificar-se com sua profissão, na medida, que se percebe como sujeito que tem um papel a

desempenhar na formação das pessoas, e na transformação social. É esta motivação e aproximação afetiva, que faz com que ele se identifique como pessoa e profissional, que tem uma tarefa educativa, política, humana e social a desempenhar: educar-se ao educar o outro.

E a afetividade se faz presente em todas as situações e decisões de ensino assumidas pelo professor, desde sua preparação, elaboração, até sua execução, pois, o professor não se desliga de sua condição humana ao exercer sua condição profissional, ao contrário, como atividade humana que se realiza na interação social, ele permanece sendo pessoa. Assim, a afetividade está presente em seu trabalho, influenciando, portanto, a relação entre os sujeitos e até mesmo com os objetos de estudo a serem apropriados pelos alunos, por isso, a formação docente precisa sensibilizar o professor, de que os seres humanos aprendem realmente, quando ocorrem mudanças fundamentais na sua maneira de ver o mundo, como ele se relacionar, e também, quando se processam alterações significativas de suas capacidades, tanto cognitivas quanto afetivas.

Enfim, para que os professores tenham uma maior compreensão da afetividade e da sua influência sobre o processo de aprendizagem dos alunos, se deve discutir algumas características de sua formação para se compreender com se dá a afetividade na educação das crianças, e ainda como os PPP's das escolas contemplam a afetividade nesse documento.

### 3.1 A IMPORTÂNCIA DE SE PAUTAR A DIMENSÃO HUMANA NOS PPPs DAS ESCOLAS

O planejamento é um processo permanente que implica escolhas, opções para construção de uma realidade para um momento seguinte. Embora o processo de planejamento ocorra a todo o momento na escola, é importante que as opções assumidas coletivamente estejam materializadas no Projeto Político Pedagógico da Escola, documento orientador das concepções e práticas de ensino-aprendizagem escolares.

Ele deve orientar a escola na importante tarefa de formação plena do indivíduo. O objetivo é, portanto, conversar sobre o que concebe o processo de elaboração de um projeto político-pedagógico, como ele pode ser construído de forma participativa, apresentar algumas sugestões para sua elaboração e refletir sobre as condições necessárias para sua implementação, sendo que para cada realidade escolar um contexto referente aquela situação em que se apresenta a escola, pois cada escola é única, singular, autônoma e com sua “cara”, representação e anseio dos seus pares, para que assim a dimensão humana esteja representada e valorizada.

A escola para se respaldar dessas questões, deve estar atenta à legalidade que garante autonomia, e uma das leis principais para contemplar tais questões, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), no artigo 15, onde concede à escola progressivos graus de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira, para que ela possa através de seus instrumentos ter autonomia, o que significa construir um espaço de liberdade e de responsabilidade para elaborar seu próprio plano de trabalho, definindo seus rumos e planejando suas atividades de modo a responder às demandas da sociedade e da comunidade a qual está localizada, valorizando-a nos seus aspectos humanos, pois o público que ela atende espera uma resposta condizente e que resolva os assuntos que lhe cabem como responsável.

Vale ressaltar que a autonomia permite à escola a construção de sua identidade, e à equipe escolar uma atuação que a torna sujeito histórico de sua própria prática. Pensar no processo de construção de um projeto político-pedagógico requer uma reflexão inicial sobre seu significado e importância, as reais necessidades, particularidades e peculiaridades que fazem a escola ser de tal forma.

Nisso, a LDBEN ressalta a importância de se construir esse instrumento, do qual se pode ver em vários de seus artigos as atribuições, como por exemplo:

No artigo 12, inciso I, que vem sendo chamado o artigo da escola, a Lei dá aos estabelecimentos de ensino a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica com suas reais necessidades.

O artigo 12, inciso VII, define como incumbência da escola informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

No artigo 13, chamado o artigo dos professores, aparecem como incumbências desse segmento, entre outras, as de participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino (Inciso I) e elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino (Inciso II).

No artigo 14, em que são definidos os princípios da gestão democrática, o primeiro deles é a participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola. É bom lembrar que, pela primeira vez no Brasil, há uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que detalha aspectos pedagógicos da organização escolar, o que mostra bem o valor atribuído a essa questão pela atual legislação educacional.

A partir dessa garantia, entende-se que todas as escolas através dessa exigência legal, precisam transformar isso em realidade por todas as escolas do país para que assim as pessoas, o ser humano possa se sentir parte do processo. Entretanto, não se trata apenas de assegurar o cumprimento da legislação vigente, mas, sobretudo, de garantir um momento privilegiado de construção, organização, decisão e autonomia da escola, em cada momento que se reúne com cada categoria para fortalecer, discutir, registrar e valorizar a sua realidade escolar. Por isso, é importante evitar que essa exigência se reduza a mais uma atividade burocrática e formal a ser cumprida, mas que ela seja vista e vivida por todos como um momento salutar, construtivo e impar para todos, pois ele é que vai nortear a prática vivencial para todos que fazem parte da escola.

Nesse contexto, pode-se dizer que, um projeto político-pedagógico deve estar voltado para construir e assegurar uma gestão democrática se caracteriza por sua elaboração coletiva e não se constitui em um agrupamento de projetos individuais, ou em um plano apenas construído dentro de normas técnicas para ser apresentado às autoridades superiores como uma atividade momentânea, mas que é um documento que vive sua adequação permanente, pois assim exige a prática na escola.

Nesse caso, o projeto político-pedagógico, segundo Libâneo (2004), é o documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola, expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino e os propósitos e

expectativas da comunidade escolar. Na verdade, o projeto político-pedagógico é a expressão da cultura da escola com sua realidade, recriação e desenvolvimento, pois expressa a cultura da escola, impregnada de crenças, valores, significados, modos de pensar e agir das pessoas que participaram da sua elaboração, e aqui estão também a expressão da afetividade e da sensibilidade das pessoas. Assim, o projeto orienta a prática de produzir uma realidade de acordo com a necessidade das pessoas que convivem na instituição.

Para isso, é preciso que todos os segmentos, e em especial o professor que é o que lida primeiramente com o aluno, o que aos pouco vai vivenciando e conhecendo como o aluno expressa sua afetividade e sensibilidade, e a partir daí, esses atores vão conhecendo a realidade do aluno e seus pares, para então a partir dessa leitura da realidade e necessidade da clientela, construir o referencial que vai nortear todo o seu trabalho escolar. É necessário, dialogar, refletir sobre ela, para só depois planejar as ações para a construção da realidade desejada.

Para esse comportamento, precisaríamos contemplar no PPP, uma perspectiva transdisciplinar, em que reafirma, constantemente, os processos de renovação da afetividade e da sensibilidade humana em sala de aula, legitimando atividades colaborativas através das quais o aprender implica em construir significados pessoais e, ao mesmo tempo, tecer redes de significado coletivo, exercitar a capacidade de resolver problemas, projetar, construir hipóteses e estabelecer relações.

É certo que inovaremos com a proposta transdisciplinar, sua nova lógica modificaria completamente a relação pedagógica que intencionalmente se converte num processo constante de troca gerador da *ecofraternização*. Lembremos novamente o educador Paulo Freire (1996): se a relação pedagógica torna-se um doar afetivo e sensível, esse doar pode tornar-se recíproco, como nos meandros do amor.

É imprescindível que, nessas ações, estejam contempladas as metodologias mais adequadas para atender às necessidades sociais e individuais dos educandos, pois hoje para um bom trabalho a ser realizado, deve-se focar no humano, no que há de melhor que é valorizar o indivíduo para a humanidade. É certo que muitas serão as dificuldades que os docentes enfrentarão ao poder trabalhar esse comportamento expressado em sala de aula pelos alunos, pois a afetividade e a sensibilidade estão cada vez mais presente nas relações em sala de aula e os docentes precisam estreitar esses laços, sem contudo ter que trazer pra si responsabilidades que não são suas.

Ao falar dessa questão, Leite e Tassoni (2010) discutem as dificuldades sentidas pelo professor (a) em sala de aula, e deixam a entender que o docente que não apreender a

seriedade, e por isso pode não conseguir transmitir conhecimentos com afeto, não vai entender de si mesmo e não vai entender de gente. Será uma “pedra” no caminho da Educação, além de marcar profundamente a vida dos educandos.

Tem-se a convicção de que o entendimento da dimensão afetiva pode promover a melhoria da qualidade da educação e da realização profissional dos docentes. Infelizmente, ainda temos que ponderar que a formação docente mantém um modelo de relação pedagógica, cujo ideal assenta-se na transmissão do saber e no distanciamento entre o professor(a) e o aluno, nem enaltecendo a expressão da afetividade e da sensibilidade. Esta clareza nos obriga, mais que em qualquer outro tempo, promover a compreensão de que a transformação das pessoas exige muito mais do que um raciocínio brilhante repassado mecanicamente

Ainda assim, é preciso atentar que para construir um PPP, é preciso discutir sobre o papel da afetividade na educação, pois esta vem de muito longe, sabe-se que as aprendizagens dependem de um conjunto de exigências de ordem técnica, sim, mas não exclusivamente, portanto não se pode deixar de assentá-las, por outro lado, num movimento afetivo que faça com que os conteúdos *toquem* os sujeitos, tornando a aprendizagem significativa.

A questão da afetividade em sala de aula torna-se um dos principais fatores determinantes da qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre os sujeitos-sujeitos e entre os sujeitos e os objetos do conhecimento. Freire (2000, p. 160), na esteira de outros autores, reforça essa ideia ao afirmar que o educar deve ser “fascinante, comovente”, que possibilite admirarmos e celebrarmos a vida, notar sua beleza, sua complexidade e realidade totalmente interconectada, sinérgica, sincrônica, portanto viva e ativa.

Freire (2000) despatologiza a expressão da afetividade e da sensibilidade na relação pedagógica, entende-se com ele que no processo educacional estão envolvidos aspectos cognitivos, mas não só, também afetivos, que marcam e conferem aos objetos um “sentido” que determina a qualidade das aprendizagens.

Assim para a construção de um documento dessa ordem, as finalidades devem estar direcionadas para estabelecer diretrizes básicas de organização e funcionamento da escola, sempre integradas às normas comuns do sistema nacional e do sistema ou rede ao qual ela pertence. Reconhecer e expressar a identidade da escola de acordo com sua realidade, características próprias e necessidades locais. Definir com todos os segmentos, coletivamente objetivos e metas comuns à escola como um todo para assim alcançar os objetivos propostos.

Diante disso, é preciso possibilitar a todos que formam a escola a tomada de consciência dos principais problemas dela, e das possibilidades de solução, definindo as responsabilidades coletivas e pessoais. Estimular o sentido de responsabilidade e de

comprometimento da escola na direção do seu próprio crescimento. Definir o conteúdo do trabalho escolar, tendo em vista as Diretrizes Curriculares Nacionais para ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais, os princípios orientadores da Secretaria de Educação, a realidade da escola e as características do cidadão que se quer formar. Dar unidade ao processo de ensino, integrando as ações desenvolvidas seja na sala de aula ou na escola como um todo, seja em suas relações com a comunidade.

Assim, estabelecer princípios orientadores do trabalho do coletivo da escola. Criar parâmetros de acompanhamento e de avaliação do trabalho escolar. Definir, de forma racional, os recursos necessários ao desenvolvimento da proposta. A partir dessas finalidades, é preciso destacar que o projeto político pedagógico extrapola a dimensão pedagógica, englobando também a gestão financeira e administrativa, ou seja, os recursos necessários à sua implementação e as formas de gerenciamento.

Nessa perspectiva, construir o projeto político-pedagógico significa enfrentar o desafio da transformação global da escola, tanto na dimensão pedagógica, administrativa, como na sua dimensão política. Nisso cada escola deve situar-se em que medida essa concepção de projeto político-pedagógico está presente na prática na escola para assim dar o ponta pé e construir um documento que é realmente a reprodução da vivência dos que nela vivem.

Diante dessa prerrogativa, o processo de participação, e a importância dessa participação vêm sendo ressaltada por todos que defendem uma gestão democrática, com postura de líder, mas que sabe direcionar o processo para que todos tenham voz e voto, podem e devem contribuir com seus conhecimentos e posicionamentos. No entanto, embora nenhum segmento tenha uma importância menor que a do outro nesse trabalho coletivo, com os segmentos, é importante definir, com clareza, as responsabilidades que cada um deve assumir, considerando a existência de funções e níveis hierárquicos diferenciados dentro da escola.

Para isso, segundo Lück (2011, p. 2):

Os dirigentes de escolas eficazes são líderes, estimulam os professores e funcionários da escola, pais, alunos e comunidade a utilizarem o seu potencial na promoção de um ambiente escolar educacional positivo e no desenvolvimento de seu próprio potencial, orientado para a aprendizagem e construção do conhecimento, a serem criativos e proativos na resolução de problemas e enfrentamento de dificuldades.

Nesse sentido, o foco da gestão democrática e de todo o trabalho educacional não é apenas a aprendizagem ou o bom desempenho educacional e social de todos os educandos, mas é também a construção da cidadania plural, da capacidade de conviver com o novo e com todos os desafios decorrentes da prática das pessoas na escola. Assim, para compreendermos a

gestão democrática na escola, como almejamos, precisamos fazer uma breve reflexão da evolução desse tipo de gestão no contexto educacional, e percebermos de que forma esta foi se instaurando na complexidade do sistema de ensino. Conforme Luck:

A gestão escolar constitui uma das áreas de atuação profissional na educação destinada a realizar o planejamento, a organização, a liderança, a orientação, a mediação, a coordenação, o monitoramento e a avaliação dos processos necessários à efetividade das ações educacionais orientadas para a promoção da aprendizagem e formação dos alunos. (LUCK, 2009, p.23)

Quando se pensa em gestão escolar, vem em mente uma proposta de ensino articulada onde todos os envolvidos são líderes e caminham juntos em busca de resultados positivos. Liderança sozinha, não se efetiva no ambiente escolar. Lück (2011) refere-se a questão:

A figura do líder, o indivíduo que exerce a liderança, é visto como aquele que é seguido, mesmo não dispondo de qualquer autoridade estatutária, não imposta por artifícios legais, porque ele consegue ser aceito e principalmente respeitado, unindo e representando o grupo na realização dos anseios comuns e metas da escola. O líder não é o chefe institucional, ele é mais do que uma representação fixa e central no organograma da instituição. Ele descentraliza a sua liderança como ato de uma gestão democrática em que a tomada de decisão é disseminada e compartilhada por todos os participantes da comunidade escolar. (LÜCK, 2011)

Dessa forma, todos devem ter o seu espaço de participação, mas não se deve confundir o espaço das atribuições, ultrapassando os limites de competência de cada um: Direção, professores e profissionais de suporte pedagógico são os responsáveis diretos pela mobilização da escola e da comunidade para a construção da proposta. Além disso, cabe-lhes a tomada de decisões sobre conteúdos, métodos de ensino e carga horária das disciplinas do currículo. Os alunos são fontes de informação das suas necessidades de aprendizagem, que se vão constituir no núcleo das preocupações da escola. São eles, de fato, o alvo principal de todo esse esforço para se construir um PPP com os anseios e realidades deles.

Neste caso, não se pode esquecer de que a elaboração do Projeto Pedagógico Curricular – PPC é um ponto essencial, um aspecto importante do processo que também a participação dos pais e da comunidade do entorno da escola, é necessária para que se alcancem os objetivos de uma educação voltada para a realidade humana dos discentes e da comunidade do entorno. Ao construí-lo coletivamente, a escola afirma sua autonomia sem, no entanto, deixar de estar ligada às esferas municipal, estadual e federal da educação. (MENDEL, 2012)

A partir dessa colocação, as escolas podem fazer a discussão sobre as Diretrizes Operacionais da Educação, com o objetivo de apresentar aos pais, equipe docente e gestão, as

leis que asseguram o direito da escola, pode-se fazer o diagnóstico da escola, apresentar as diretrizes operacionais, e a teoria (tradicional, crítico, pós-crítico) que a escola defende.

Por isso, o trabalho dos funcionários, por se realizar em uma escola, tem uma dimensão pedagógica que é muito pouco reconhecida, até por eles próprios. As relações que eles estabelecem com os alunos e com os pais poderiam ser exploradas na direção da formação da cidadania, pois isso hoje é um dos assuntos que demanda muita atenção. Os pais e a comunidade devem participar efetivamente das decisões sobre o orçamento e a utilização dos recursos financeiros que a escola recebe, para então poder sugerir alternativas de melhor aplicar o recurso na educação dos seus filhos.

Além disso, os pais devem participar das discussões sobre as características do cidadão que se quer formar, sobre o uso do espaço e do tempo escolar e sobre as formas de organização do ensino que a escola deve adotar. O processo de mobilização para que o projeto político-pedagógico seja, de fato, um instrumento de melhoria de qualidade da escola, ele precisa ser construído coletivamente, todos os segmentos devem estar envolvidos, sempre com responsabilidade e compromisso, a partir de um processo contínuo de mobilização que envolve elaboração, execução, acompanhamento, avaliação e reelaboração.

Dito assim pode-se dizer que uma das mais importantes tarefas da equipe gestora, é encontrar pontos de partida para atingir um nível esperado de mobilização, pois, durante o processo, muitas lideranças vão emergir, provocando novas participações.

Nessa proposta, o papel do Conselho Escolar é fundamental na mobilização já que ele congrega os representantes dos diversos segmentos da escola. No entanto, é sempre desejável que a participação da comunidade seja ampliada com a presença de outras pessoas, além daquelas que já fazem parte do Conselho.

Para isso, essa mobilização é indispensável para se conseguir construir a proposta de uma forma democrática, legitimada por aqueles que fazem da escola um espaço vivo e atuante. No processo de negociação, é preciso compreender que, nas sociedades humanas, nenhum processo se faz de forma linear e harmônica e, portanto, a negociação se torna um elemento central na realização de qualquer trabalho que envolva a coletividade para saber ouvir a todos, respeitadas os diferentes posicionamentos.

A participação democrática, condição essencial de formação do cidadão, supõe a presença de conflitos. O próprio exercício da participação abre espaço para a emergência desses conflitos. É impossível evitar tais situações, porque elas existem de fato e revelam a variedade de concepções que norteiam as ações pessoais.

Diante do exposto, pode-se dizer que, o processo de gestão nas instituições de ensino precisa ser global, sendo de responsabilidade de toda comunidade escolar. Participam deste processo o diretor de escola, o coordenador pedagógico, o supervisor de ensino, os professores e todos os demais funcionários, além da família que tem um papel importante e fundamental neste processo. A gestão escolar tem que ser construída coletivamente, não pode ser fragmentada e sim participativa e democrática. Para isso; “A gestão democrática implica a efetivação de novos processos de organização e gestão baseados em uma dinâmica que favoreça os processos coletivos e participativos de decisão”. (BRASIL, 2004, p.15)

Assim, é necessário, pois, reconhecer a existência de tensões ou conflitos entre as necessidades individuais e os objetivos da instituição e compreender a sua natureza, de modo a capitalizar as divergências em favor de um objetivo maior, é na verdade o saber negociar, que dá lugar ao diálogo, ao debate, à expressão das várias necessidades e das diferenças, produzindo um ambiente do qual resulte o levantamento coletivo dos conflitos e dos problemas, a cooperação voluntária no trabalho em equipe, a repartição mais igualitária do poder e dos recursos.

Dito isso, a autonomia da escola não é, isoladamente, a autonomia dos gestores ou a dos professores, ou a dos alunos ou a dos pais. Ela é resultante da união de várias formas de pensamento e de interesses diversos que é preciso saber gerir, integrar e negociar. Por isso, o Projeto político pedagógico, significa uma síntese desses diversos interesses e tem como propósito dar um sentido coletivo às autonomias na escola.

Nesse sentido, é importante no PPP, sendo ele considerado o plano global e orientador da escola, o documento norteador da prática pedagógica dos professores, coordenadores e gestores, garantir, definir, discutir, pautar e registrar a dimensão humana ao contemplar a afetividade no processo ensino aprendizagem, ao se executar uma boa relação professor-aluno. Do contrário, se os citados profissionais não garantirem essas ações no referido documento, nessa perspectiva, dificilmente os professores, coordenadores pedagógicos nada eles irão pensar ou desenvolver que possa estar ligada a essas questões, até porque, se quando se coloca no PPP não se executa, então se não discutirmos, registrar, contemplar essa dimensão, as consequências disso é que professor não vai trabalhar a temática, o coordenador pedagógico não vai pensar nenhuma ação para a escola com o assunto, daí todos perdem por não se executar na prática.

## 4 CONCLUSÃO

Nesta seção se apresenta os trabalhos que subsidiaram esta pesquisa bibliográfica, e discorreram sobre “A Importância da afetividade no desenvolvimento do aprendizado dos alunos”.

A conclusão aqui apresentada não se configura no encerramento das reflexões acerca das questões-problemas contempladas no objeto de investigação. Pelo contrário, oportuniza ampliar possibilidades de dialogar mais em outros momentos de estudo sobre o tema.

Pode-se afirmar que se alcançou o objetivo geral, uma vez que se buscou compreender o conceito e a influencia da afetividade na relação docente, no campo educacional, no processo ensino e aprendizagem através de uma revisão bibliográfica.

Diante disso, ressalta-se que na primeira sessão o estudo dos textos levou-me a compreender o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem e a influencia da afetividade no processo ensino aprendizagem, a partir de uma pesquisa bibliográfica onde a concepção teórica Walloniana sobre a afetividade é impar para o processo de desenvolvimento intelectual.

A segunda sessão, nos deixa contribuições no sentido de entender como o professor pode através de sua formação unir os saberes sobre a afetividade e compreender como ela se configura na formação de professores e influencia na relação ensino e aprendizagem.

Na terceira sessão, os esclarecimentos sobre o garantir esse assunto no PPP, é um dado relevante e norteador para que na prática se possa vivenciar a temática e ainda desenvolver uma prática com a presença de uma relação mais humana, amorosa, sensível e afetiva durante o processo ensino aprendizagem, sem perder de vista que a sensibilidade é a aprendizagem são dois aspectos bem diferentes.

Destaca-se que ao realizar este trabalho, pude compreender melhor a importância e contribuição de se adotar a afetividade no desenvolvimento do aprendizado dos alunos, pois essa aquisição e construção do conhecimento com essa postura afetiva, a tendência é melhorar a educação, e a contribuição para com o processo de ensino e aprendizagem, onde as relações interpessoais em salas de aula estão presentes o resultado é significativo.

Diante do estudo realizado sobre a afetividade com base nos referidos autores, pode-se afirmar com maior propriedade a importância do aspecto afetivo na relação professor-aluno no processo ensino aprendizagem, visto que sua influencia sobre a aprendizagem do aluno é grande, pois isso faz se necessário o professor se atentar a este aspecto. Afinal, um ambiente para se ensinar e aprender deve ser harmonioso, enriquecido por práticas pedagógicas

afetuosas, somente assim é possível atingir um processo de aprendizado mais eficaz, significativo e pode levar a humanização dos indivíduos diante de tantos comportamentos expressados pelos alunos em sala de aula.

Portanto, acredito que a pesquisa foi um diferencial, pois antes meu conhecimento quanto ao assunto era restrito e com pouca fundamentação, hoje se vê a perspectiva com outras diretrizes. Também, se pode registrar a significação da pesquisa para a escola e para a ciência, pois se entende que a interação do indivíduo com o outro e com o objeto de conhecimento é mediada pela emoção, é ela a responsável pela socialização do indivíduo, pela formação da personalidade do mesmo, da construção da consciência de si. Assim, é por meio da afetividade que a criança constrói seu conhecimento e se torna um sujeito ativo e afetivo com seus pares.

Conclui-se, então, que a partir desse estudo, que os desafios de garantir e promover a construção de ações sobre a afetividade e fazer essa implementação junto a comunidade escolar em seu PPP de forma permanente, é um dado importante, não o decisivo para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, mas um “estimulador” das ações.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A concepção walloniana de afetividade:** uma análise a partir das teorias das emoções e do desenvolvimento. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999, 167 f.
- ARANTES, V. Cognição, afetividade e moralidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p.137-153, jul./dez. 2001.
- ARROYO, G. Miguel. **O ofício de mestre:** imagens e auto-imagens. 6ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BARROS, Flávia Regina de. Mediação e afetividade: histórias de mudanças na relação sujeito-objeto. In: LEITE, Sérgio Antônio da Silva.(org). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- BEZERRA, R. J. L. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henry Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 4, p. 1-7, jul./dez. 2006.
- BOCK, Ana Mercês Bahia org. Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo. Saraiva. 2007.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aprender o Amor:** sobre um afeto que se aprende a viver. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- BRASIL (1996). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96, de 20/12/1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares:** conselho escolar, gestão democrática da educação e escolha do diretor. Brasília/DF, 2004.
- CARVALHO, A. M.; FARIA, M. A. A construção do afeto na educação. **Revista Saberes da Educação**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 1-12, 2010.
- CHALITA, Gabriel. **Educação:** a solução está no afeto. 8ª ed. São Paulo: gente, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da tolerância.** FREIRE, Ana Maria (Org.). São Paulo: UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 41ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **PROFESSORA SIM, TIA NÃO:** Cartas A Quem Ousa Ensinar. SÃO PAULO: OLHO D'ÁGUA, 2010.

FERREIRA, J. S. **Memórias, narrativas e autobiografia como formadoras da prática docente.** Ano. 19 f. Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Pará, Belém, ano. 1999.

GALVÃO, I. **Henri Wallon.** Petrópolis: Vozes, 1996.

GAUTHIER, Chermont. et al. **Por uma teoria da pedagogia:** pesquisa contemporânea sobre o saber docente. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, Atlas, 2002.

KIROUAC, G. (1994). **Les émotions.** In: Richele, M. et alii. *Traité de Psychologie Experimentale.* Paris, França, 2010.

LEITE, S. A. da S. TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula:** as condições de ensino e a mediação do professor. 2010. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 10 Março de 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da escola:** teoria e prática. 5 ed. Goiania, GO: Alternativa, 2004.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dimensões da gestão escolar e suas competências.** Curitiba: Positivo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Liderança em gestão escolar.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Série cadernos de Gestão; 4).

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R, Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Revista Psicologia da Educação*, 2005, n. 20, p. 11-30.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1985.

MARQUES, R. **Professores, família e projeto educativo**. Porto, Portugal: Asa Editores, 2011.

MEDEL, Cássia Ravena Mulin de Assis. **Projeto político pedagógico: construção e implementação na escola**. 2.ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção educação contemporânea).

MENON, Menon Pinto - PINTO, F. E. M. **Psicologia e hospital: uma reflexão sobre a cognição e a afetividade**. Roteiro, v. 28, n. 1, 2004.

MOLL, J. **La dimension affective dans la formation des adultes**. In G. Chappaz (Dir.). La dimension affective dans l'apprentissage et la formation. Paris: SFPUNAPEC, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v23n1/v23n1a05.pdf>. Acessado em 07/04/2018.

NASCIMENTO, M. Coração de Estudante. **Letras. Mus. BR**, s/d. 2011. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/47421>>. Acesso em: 05 Abril 2018.

NÓVOA, Antônio. (Coord.) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA. Antônio. (ORG). **Vidas de Professores**. 2ª ED. PORTUGAL: PORTO, 1995.

POLONIA, Ana & Senna, Sylvia. A ciência do desenvolvimento humano e suas interfaces com a educação. In Maria A. Dessen & Aderson L. Costa Junior (Orgs.), **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras** (pp. 190- 209). Porto Alegre: Artmed Editora S.A. 2005.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; e JUTRAS, France. **Representações sociais de professores sobre afetividade**. Estudos de psicologia. Campinas, v.23, n.1, p.39- 45, mar 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid>. Acesso em: 19/04/2018.

ROMAN, Eurilda Dias. Pedagogia: o ato de ensinar e o de aprender. In: **Pedagogia em conexão**. ZORZO, Cacilda Maria (org). Canoas, RS: ULBRA, 2004.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, 2012.

SALTINI, Claudio J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 2002.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **A Pedagogia do Ser: Educação dos sentimentos e dos valores humanos**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SANTA'NA, R. S.; LOSS, H.; CEBULSKI, M. C. Afetividade, cognição e educação: ensaio acerca da demarcação de fronteiras entre os conceitos e a dificuldade de ser do homem. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 36, p. 109-124, 2010.

TASSONI, E. C. M. A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

TIBA, Içami. **Disciplina**: limite na medida certa. 1. ed. São Paulo: Editora Gente, 2007.

TURATTI, M. S.; PESSOLATO, A. G.; SILVA, M. M. A importância da afetividade na educação infantil. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 9, n.2, p.129-142, ago./dez. 2011.

VASCONCELOS, Mário Sérgio Vasconcelos - **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**, 2004 – Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302004000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200015). Acesso em: 20/01/2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (Org). Lições de Didática. Campinas, SP: Papyrus, 2006. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VIEIRA, A. S.; LOPES, M. D. **A afetividade entre professor e aluno no processo de ensino aprendizagem na educação infantil e fundamental**. 2010. 66 f. Monografia (Graduação) – Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. São Paulo. 2010.

WALLON, H. **Afetividade e aprendizagem** – Contribuições de Henry Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ZORZO, Cacilda Maria. (ORG). **PEDAGOGIA EM CONEXÃO**. CANOAS – RS: ULBRA, 2004.

## REFERÊNCIAS LIDAS, E NÃO CITADAS

CAETANO, Leandra de Aguiar. **A Importância da Afetividade Docente, para o Desenvolvimento Cognitivo de Educandos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. 2013. Trinta e sete folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Belém Projeto Político Pedagógico / Organizado por Adriana M. N. de Souza Porto, Alexandre S. da Silva, Elaine R. Gomes. -- Belém, 2017.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. **Relação Pedagógica, Afetividade, Sensibilidade:** Pressupostos Transdisciplinares Para A Formação Docente. *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v.1, n.3, p.51-63, set./dez. 2011

SILVA, Luana Amorim da. **Ensino e Aprendizagem através do Afeto:** O possível e o necessário – reflexões e ressignificações.